

**SIMPÓSIO MERCADOS DE PROTEÇÃO E GOVERNANÇA DA SEGURANÇA**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA**

**12 a 14 de junho de 2019**

**GT4: VIOLÊNCIA, CRIMINALIDADE E SEGURANÇA PÚBLICA**

**Redes de proteção no mercado ilegal de drogas sintéticas: a confiança  
enquanto mecanismo garantidor de segurança**

**Bárbara Sofia Félix Duarte**

Universidade Federal de Pernambuco; Doutoranda em Sociologia;

## **Redes de proteção no mercado ilegal de drogas sintéticas: a confiança enquanto mecanismo garantidor de segurança**

Bárbara Sofia Félix Duarte<sup>1</sup>

### **Resumo:**

Esta investigação consiste numa análise qualitativa acerca dos mecanismos configuracionais que operam no mercado de drogas sintéticas, com recorte específico na classe média do Recife/PE. As transações e fluxos deste mercado foram analisados a partir da caracterização das práticas dos atores no comércio dessas substâncias ilícitas enquanto consumidores. As interações entre usuários e vendedores constituem as redes de relações de membros inseridos no contexto do varejo de drogas sintéticas e servem enquanto recurso de proteção destes atores. Para compreender o funcionamento desta estrutura social ilegal, foram realizadas 12 entrevistas semiestruturadas. Os achados permitem compreender o fenômeno esquematicamente e identificar que mecanismos operam e garantem a ausência de uso da força física como forma de regulação e proteção. A confiança esteve presente em várias dimensões destas interações enquanto mecanismo de garantia de estabilidade das relações entre os atores, já que limitam o acesso a novos membros e dificultam o monitoramento estatal destas dinâmicas. Os atores constroem a partir de suas práticas, estruturas de segurança sem uso da força enquanto estratégia de controle interno, contrapondo-se à frequente associação causal entre drogas e violência. Além disso, a ação policial não ostensiva neste contexto tem impacto significativo na não-violência destas dinâmicas.

**Palavras-chave:** Drogas Sintéticas; Classe Média; Violência; Mercado de drogas; Confiança;

---

<sup>1</sup> Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco e Pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Criminalidade, Violência e Política Pública de Segurança. [barbarasfduarte@gmail.com](mailto:barbarasfduarte@gmail.com)

## Introdução

Em 2018 ocorreram 4.170 homicídios no estado de Pernambuco. Segundo dados divulgados pela Secretaria de Defesa Social do estado, 67,83% dos homicídios de 2018 estão relacionados ao tráfico de drogas, a acertos de contas e outras atividades criminosas. Recife, a capital, está entre as cidades mais violentas do estado. Em virtude dos números alarmantes, as forças de segurança estaduais atuam de forma repressiva no combate ao tráfico de substâncias ilícitas e suas atividades têm impacto direto no funcionamento dos mercados de drogas. Porém, estudos anteriores evidenciam a seletividade na atuação da polícia e concentração repressiva no mercado do crack e da maconha, interferindo diretamente nas formas de articulação e governança destes mercados de drogas.

Esta política repressiva pauta-se desde o seu princípio em um processo de associação destas substâncias às camadas da sociedade que sofrem privações sócio-econômicas já estigmatizadas. O consumo de drogas por indivíduos pertencentes às classes menos abastadas é usualmente associado a um tipo de mercado arrolado pela violência e disputa expressiva de território, à medida que indivíduos das classes médias e altas integram mercados de drogas ilícitas desassociados de práticas violentas.

Estudos anteriores têm discutido as relações entre o consumo de drogas das classes médias e o fenômeno da violência no Brasil (Grillo, 2008; Daudelin e Ratton, 2016; 2017; 2018). Buscamos aqui colaborar com evidências para a compreensão destas dinâmicas na tentativa de descortinar possíveis ligações entre o consumo de drogas sintéticas e a ocorrência de violência no funcionamento do varejo destes mercados.

A pesquisa em questão tratou de outros aspectos associados ao caráter pacífico do mercado de drogas sintéticas nas camadas médias. Elencamos alguns fatores internos e externos que nos auxiliam a explicar a baixa probabilidade de uso da violência nestes mercados. O exercício foi compreender as condições estruturais em que se baseia o funcionamento do mercado, além de recuperar elementos explicativos a partir das experiências dos consumidores, que favorecem a estabilidade e a não-violência destas

dinâmicas ilegais pautadas em redes. Consideramos fundamental articular o contexto social e a dimensão de ações práticas estabelecidas pela produção e reprodução dos acordos estratégicos internos ao varejo.

Propomos situar em que condições sociais o fenômeno do mercado cria mecanismos de proteção e garantia de continuidade dos atores nas dinâmicas, ainda que haja criminalização, repressão e rejeição social. Partindo-se da hipótese de que a confiança é um dos elementos estruturais das relações neste contexto, elementos externos também exercem influências sobre a estruturação das relações e da operacionalização das transações.

### **Metodologia**

Para compreensão do fenômeno, a investigação foi desenvolvida a partir de metodologia qualitativa, utilizando entrevistas semi-estruturadas como fonte principal de dados sobre o do mercado. As entrevistas foram realizadas principalmente com consumidores e pequenos vendedores de substâncias sintéticas. Devido à dinâmica das transações ser pouco visível, a estratégia metodológica para penetrar nestas redes foi o método de amostragem não probabilística por bola de neve, onde informantes iniciais me levaram a outros, e assim sucessivamente. A técnica utilizada foi a análise de conteúdo (Bardin, 1998).

As informações qualitativas obtidas foram utilizadas para reconstruir padrões de negociação entre os atores, compreender como se dá a governança nestes mercados, de que maneira são estabelecidos os laços sociais nestes grupos e para descrever hábitos e custos deste tipo de consumo. Essa abordagem ajudou a criar uma perspectiva sobre como os mercados de drogas sintéticas surgem, funcionam e como estão coordenados, além de identificar os fatores externos que causam impactos diretos e indiretos nas dinâmicas. A pesquisa empírica que fundamentou esta análise se insere no campo de investigações das dinâmicas sociais que regem o funcionamento do comércio de substâncias ilícitas e suas possíveis aproximações e distinções.

## 1. Os vínculos sociais no varejo de drogas sintéticas

Conforme os dados acessados nas entrevistas, foi possível inferir que o mercado de drogas sintéticas funciona a partir de redes de interação estruturadas a partir de vínculos sociais. Os consumidores vivenciaram suas primeiras experiências de uso junto à amigos ou pessoas já conhecidas, com quem mantinham relações anteriores ao mercado. Os laços estabelecidos entre os atores, associados a partir de grupos, tem origem em outras circunstâncias, não necessariamente situados a partir do consumo destas substâncias. No entanto, a prática semelhante e compartilhada é por vezes o elemento aglutinador destas redes, já que associam o consumo recreativo aos espaços de lazer por vezes freqüentados em comunhão.

As compras coletivas, articuladas em grupos formados por amigos e/ou conhecidos podem ser estruturada via combinação de quatro categorias de atores emergentes dos dados, são eles:

**1. Vendedor:** é aquele que fornece o produto aos consumidores finais. Estes vendedores costumam receber as mercadorias de distribuidores, o que corresponde a um nível anterior ao varejo.

**2. Revendedor:** este tipo de ator costuma também ser consumidor, e em situações fortuitas comercializa ou já comercializou<sup>2</sup> as substâncias, mas não faz desta condição uma prática regular.

**3. Consumidor-passador:** é o tipo de ator que estabelece o vínculo com o vendedor e costuma solicitar o pedido de um grupo de consumidores que não querem entrar em contato com o vendedor. Este ator costuma ser o mais exposto do grupo de consumidores.

---

<sup>2</sup> A condição de usuário-revendedor ocasional diz respeito aos consumidores que, por oportunidades surgidas em meio aos contatos estabelecidos com vendedores, pela internet, ou através de momentos pontuais em que organizaram\* dinâmicas de compra e obtiveram lucro financeiro a partir da revenda destas substâncias; seja para custear o próprio consumo, seja para obter rendimentos a partir da aplicação de valor no preço final pela participação no repasse das mercadorias entre o distribuidor e consumidores finais.

**4. Consumidor:** é aquele que usa o produto. Este tipo de ator não estabelece vínculo direto com o vendedor. Normalmente se utiliza de algum intermediário para efetuar a compra, obtém a mercadoria principalmente a partir de compras coletivas.

A relação entre estes atores costuma variar, e por vezes aqueles que são sempre consumidores não possuem vínculos diretos com nenhum revendedor ou vendedor. A ausência do estabelecimento de vínculos fortes com os revendedores do varejo por parte dos consumidores é uma estratégia de dissociação das dinâmicas do mercado. As interações ocorrem, mas não há espaço para laços mais íntimos. As relações mais próximas que existem costumam ter iniciado em outros espaços sociais que não o mercado.

Ainda que o consumo das substâncias ocorra com relativa regularidade, busca-se ao máximo realizar compras a partir do consumidor-passador. Este tipo de ator possui, na maioria das vezes, laços fortes (Granovetter, 1974) com os consumidores e laços fracos com os revendedores. Os atores que compartilham “laços fortes” comumente fazem parte de um mesmo círculo social, em contraposição aos indivíduos com os quais são mantidas relações de “laços fracos. E seguindo o modelo de Granovetter, são as relações com vínculos mais fracos que são importantes para o varejo de drogas sintéticas, já que os laços fracos é que costumam conectar consumidores e revendedores neste nível de mercado.

Seguindo a lógica, os laços fortes mantém os vínculos dentro dos grupos, a partir daqueles que já se conhecem e mantém uma relação estável. Os laços fracos, nestes casos, são os vínculos que estruturam a complexa teia de relações entre os consumidores e os revendedores, criando pontes entre estes indivíduos no mercado<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> Neste sentido, a configuração das trocas pode variar em função de categorias como espaço, oportunidade e disponibilidade de tempo. As festas de música eletrônica (*raves*) funcionam como janelas de oportunidade para a compra, protegidas por condições estabelecidas em razão da presença de outras pessoas, ainda que desconhecidas, da pontualidade do contato e da rapidez na obtenção do produto. É comum que os consumidores utilizem estes espaços para a compra e estabeleçam vínculos com revendedores normalmente desconhecidos de forma pontual e com risco mais elevado em relação à qualidade do produto.

As compras realizadas através da participação em grupos de amigos funcionam como uma estratégia de proteção. Nestas condições, a maior exposição entre os consumidores está daquele que estabelece o contato externo, articula a compra e retorna com as mercadorias para serem subdivididas entre os membros. que permite rápida articulação entre os atores e garante segurança e invisibilidade. Os grupos funcionam, portanto, como redes de compartilhamento de experiências, e como redes o referências sociais para entender as dinâmicas do mercado de drogas sintéticas em conexão com os revendedores.

## **2. O acesso a novos consumidores**

Acessar o mercado de drogas sintéticas não é tão difícil, mas requer no mínimo um contato que já faça parte de um grupo e que seja capaz de atravessar a mercadoria ou colocar o indivíduo em contato com um vendedor.

Segundo relatos dos entrevistados, estes momentos iniciais estiveram associados a vínculos de amizade de momentos variados ao longo da vida. Amigos da época da escola, da universidade, do trabalho ou amigos de amigos onde o vínculo social em algum momento foi estabelecido. Estas dinâmicas não tem como base a manutenção do vínculo. O ensino médio e o início do ensino superior foram momentos marcantes nas trajetórias como o episódio em que usaram pela primeira vez ecstasy e/ou LSD. A maioria dos entrevistados usou a droga sintética pela primeira vez em espaços de festa, alguns deles compraram diretamente de um vendedor. Em outros casos, foi preciso a mediação de um amigo para acessar um vendedor da substância.

Desta forma, as dinâmicas de compra podem diferir em relação a sua estruturação, ou seja, em função da situação em que o consumidor está e da programação prévia ou não para o uso.

As redes que estruturam o comércio de drogas não possuem nenhum tipo de regulação formal em favor de garantias de estabilidade e continuidade. Por esta razão, todas as transação que compõe o mercado estão centradas na incerteza. Considerando a perspectiva de Gambetta (1988) em relação à teoria dos jogos e a escolha racional, os atores que estão interconectados, em função

das várias dimensões de comprometimento e dependência, pautam suas ações na escolha de confiar. A quebra dessa confiança, segundo Gambetta (Op.cit), pode ser custosa em função da probabilidade de retaliação dos demais indivíduos envolvidos na situação, e no caso dos acordos informais, a iminência de traição é “permanente”.

Em perspectiva aplicada, compreendemos o mercado enquanto um complexo de redes sociais, que dizem respeito a um conjunto limitado de indivíduos ligados entre si pela troca de recursos. Esta troca funciona a partir de padrões que determinam os limites destas redes sociais. “Quem é membro destes complexos relacionais troca recursos entre si mais frequentemente do que com não membros da rede” (Gambetta, 1988, p.175). O caso analisado, constitui uma rede informal (definida apenas pela existência prática de relações entre os indivíduos). Segundo o autor as redes podem ser definidas como formas de interação social cooperativa, considerando a distribuição equitativa de pessoas de diferentes status e competitiva, em função da distribuição desigual do status e do poder.

A ignorância ou incerteza em relação ao comportamento de outras pessoas é essencial para caracterizar uma interação social envolvendo confiança. Os indivíduos não possuem acesso a todas as informações necessárias para a tomada de decisões com garantias de sucesso. Além desse repertório reduzido, ao interagirem entre si, a liberdade de desapontar está presente nas possibilidades de comportamento dos agentes. A confiança só é um mecanismo para lidar com a liberdade do outro, ou dos outros, quando existe a possibilidade de traição ou desistência. Ainda como condição, é necessário que o indivíduo que confia também possa terminar a relação, ou não entrar na relação.

Outra condição da existência de confiança enquanto mecanismo estruturante das relações diz respeito à dimensão temporal do fenômeno. Esta dimensão diz respeito à possibilidade de lamentar a relação estabelecida no futuro, e das ações estabelecidas no passado gerarem conseqüências no presente. Neste sentido, o pertencimento dos indivíduos a redes de relações gera compromissos entre os atores e em algum sentido compreende a idéia



temporal de passado, presente e futuro, em relação história de articulação destes no contexto dos grupos.

Nesta investigação, utilizamos o conceito de confiança trabalhado por Gambetta, em função da condição de ilegalidade em que as redes de troca estão situadas, o que configura riscos e instabilidade para regulação formal das ações. Ao adentrar a dimensão das relações, nas redes de interação do mercado ilegal de drogas sintéticas, classificamos este complexo de vínculos sociais como uma rede cooperativa. As relações de cooperação fundamentam um tipo de confiança interpessoal entre os agentes, em função da necessidade de se estabelecer um melhor desempenho nas atividades. Opta-se pela cooperação em função dos riscos e como estratégia de confluência de interesses coletivos para alcançar os objetivos. Agir com base na confiança, no âmbito do mercado de drogas sintéticas, seria uma estratégia para diminuir as incertezas inerentes às condições estruturais.

### **3. As dinâmicas em rede do mercado de drogas sintéticas**

Em síntese, identificamos que estes mercados funcionam a partir da concessão de acesso interno a novos membros. A pré-condição de que os participantes se conheçam e que mantenham uma relação de confiança é o princípio para que novos atores externos sejam incorporados às dinâmicas.

A estruturação do mercado em redes se desenha por meio de uma configuração descentralizada que tem como referência os atores que conectam grupos a um complexo de outros grupos indiretamente, mas que funcionam de maneira semelhante. Este seria o segundo mecanismo interno que favorece as dinâmicas. O acesso condicionado a vínculos anteriores dificulta a entrada de estranhos, inclusive da polícia. O uso de aplicativos de mensagens que garantem sigilo dos conteúdos em trânsito através da criptografia das mensagens é ainda um recurso bastante utilizado por estas redes.

Os mercados de drogas da classe média do Recife funcionam sem uso de violência física, que seria justificção e causa para os dados acima descritos, e são, em geral, fechados e cobertos (Daudelin e Ratton, 2018). Assim, buscamos compreender o que possibilita a ausência de violência,

distanciando seus vendedores e consumidores dos riscos de entrarem para as estatísticas alarmantes de homicídios do estado.

É possível argumentar que a eficiência dentro de sistemas de ação coordenada só é possível quando os atores estão conectados de forma interdependente (Seabright, Leventhal, & Fichman, 1992). Neste sentido, estes atores trabalham juntos efetivamente e buscam sempre garantir que as condições de estabilidade permaneçam em curso. Dentro destas redes a premissa da confiança e a necessidade de consenso geram processos de cooperação, dos quais traçamos anteriormente.

Os vendedores não são vistos pela ótica do risco pessoal, já que são contatos estabelecidos a partir de amigos. Ainda que nem tudo possa ser controlado e garantido, o mecanismo de seleção e permanência dentro destas redes gera estabilidade e auxilia na resolução de eventuais problemas decorrentes das trocas não reguladas de mercadoria.

O funcionamento deste mercado estruturado a partir dos acordos de acesso às dinâmicas deste tipo de rede, resulta em mecanismos de proteção e invisibilidade, além de garantir que as interações aconteçam somente entre pessoas que passaram pelo crivo da confiança de outros atores confiáveis. A posição social destes atores favorece que não sejam alvo de monitoramento repressivo de controle.

Outro mecanismo condiz com o repertório de acordos compartilhados entre os membros nos procedimentos de compra e venda das mercadorias. Estes compartilhamentos são seguidos pelos atores quando desejam comprar determinado produto disponível neste mercado. As formas de agir estabelecidas em razão das práticas entre os associados, criam os esquemas de interação que conferem ao mercado uma organização específica.

Há evidências de que os processos de compra iniciados nestes ambientes privados possibilitam esquemas de encomendas coletivas, onde há a necessidade de apenas um dos componentes do grupo expressar para um revendedor externo a demanda interna de seus amigos. Compreendemos que o mínimo envolvimento dos atores da cadeia de distribuição por parte dos consumidores origina dinâmicas mais protegidas, e por isso, mais estáveis.

#### **4. Fatores que contribuem para a estabilidade nas dinâmicas**

O grau de tolerância ao uso de determinadas substâncias ilícitas está diretamente relacionado às distintas percepções morais e sociais sobre o universo que permeia o mercado das drogas. Um exemplo disto são as formas de ação institucional repressivas que podem contribuir para o reforço de padrões culturais desta percepção na sociedade.

Neste sentido, “as representações contemporâneas a respeito do traficante de drogas são particularmente malignas, circunscrevendo estes indivíduos como amorais, que lidam com a morte e não se importam com o resultado de suas atividades.” (Coomber, 2006 p.1). Todavia este enquadramento não se aplica a todos os vendedores de drogas igualmente. Da mesma forma esta imagem descrita por Coomber não é assumida de forma semelhante por todos os que comercializam substâncias ilícitas. Curiosamente em nenhuma das entrevistas realizadas os entrevistados se referem ao fornecedor de drogas sintéticas como um traficante.

A aceitabilidade ou rejeição nem sempre está associada aos efeitos farmacológicos ou psicoativos das substâncias como discute Coomber (2016; p.14). Álcool, crack e ecstasy, por exemplo, são carregados de julgamentos morais distintos.

Consideramos ainda que há nestas construções sociais relevante participação da mídia em função de como abordam os diferentes atores em suas manchetes (Benson, 2004). A visão construída pelo discurso midiático é um dos fatores que corroboram para estabelecer correspondências entre o fenômeno da violência e os mercados de drogas.

Os casos referentes à criminalidade organizada, em particular em torno do tráfico internacional de drogas, trazem uma generalização em relação ao fenômeno. Junto a isso, os altos níveis de violência que afetam a vida cotidiana nas metrópoles brasileiras, terminam por compor um cenário onde os estigmas são reforçados, dando margem para percepções distintivas sobre o grau de tolerância e valores morais que permeiam este campo.

A eventual relação entre mercados de drogas e violência tem em sua composição mecanismos ligados à desigualdade, que podem ser percebidos pelo entremeamento das construções midiáticas que por sua vez narram a

atuação da polícia, que se tem as suas estratégias e cujo foco está majoritariamente atrelado a repressão. Há outros elementos a se observar neste cenário, tais como os recursos distintivos sutis de linguagem, usados como na referência aos *dealers*, no contexto do comércio das drogas sintéticas, como um possível diferenciador de status e classe na medida em que desassocia sutilmente a palavra traficante em português para o inglês.

Ainda que a tradução da palavra tenha o mesmo significado para o português, a opção pelo uso do termo em inglês pode ser compreendida como uma tentativa de "desenquadramento" e desassociação da carga moral que está vinculada às palavras traficante e tráfico, comumente associadas a outros tipos de drogas comercializadas, como crack e cocaína, os quais não gozam do mesmo "status" ou prestígio social dentro do mercado de substâncias ilegais, ou mesmo fora dele.

Incorporados em um contexto social caracterizado pela estigmatização social e econômica onde o tratamento dado por parte das autoridades de aplicação da lei, contribui significativamente para a percepção da violência que prevalece no mercado (Daudelin e Ratton, 2016). Os chamados "paraísos artificiais" (Soares, 2011) ou "ilhas de paz" (Daudelin e Ratton, 2016) configuram-se, portanto, como um comércio não-violento, enquanto que a grande parte de outras drogas tratadas como questão de polícia e justiça criminal, provocam quase uma guerra urbana.

O conjunto destas regras internas, combinado aos fatores exógenos dos grupos, resulta em configurações de baixa demanda por uso da violência física por arte dos atores, tanto internos quanto externos às redes.

### **Conclusões**

Em síntese, os mecanismos aqui traçados possibilitam condições equilibradas de acordos e satisfação de compromissos, sem que gerem episódios violentos de grandes conflitos, capazes de atrair a atenção das forças repressivas. O ambiente de tranquilidade pautado em premissas e códigos de confiança dentro dos grupos asseguram certa invisibilidade para os participantes e retira de vista dos demais atores externos as dinâmicas implícitas neste mercado, que por sua vez não é concebido socialmente

enquanto problema público grave e temível. Por consequência, os atores são sofrem processos de estigmatização em relação ao consumo nem a venda de substâncias sintéticas ilícitas.

O risco em função da ilegalidade é uma variável sempre presente nas relações entre revendedores e consumidores, e por esta razão, observamos que os atores costumam articular redes sociais estáveis para minimizar os riscos contextuais e internos, já que a ausência de garantias do estado na regulação deste mercado tornam indefinidas as condições de funcionamento. Estes fluxos dizem respeito aos tipos de vínculos estabelecidos entre consumidores e revendedores e principalmente quais são os procedimentos utilizados nas compras. Além disso, a situação de classe dos consumidores favorece situações de proteção nas dinâmicas estabelecidas no varejo.

A principal maneira encontrada pelos consumidores para se protegem de possíveis consequências legais do envolvimento com dinâmicas ilegais está na compra coletiva. Identificamos que esta é uma estratégia de segurança baseada nos laços fortes entre amigos que já estão associadas enquanto grupo e do estabelecimento de laços fracos com vendedores conhecidos, porém, sem que haja demasiada aproximação capaz de vincular estes atores segundo a percepção de pessoas externas ao varejo, principalmente familiares e amigos de outros ciclos desconectados do consumo de drogas sintéticas. As dinâmicas são quase fechadas em relação ao acesso de novos membros.

Este tipo de articulação coletiva configura um mercado não territorializado, onde as dinâmicas de troca ocorrem principalmente em ambientes cobertos. O espaço da rua não faz parte das dinâmicas, e isso também resulta em maior proteção dos consumidores.

Percebemos ainda que estas dinâmias de varejo funcionam principalmente a partir do uso de serviços formais e legais, como a comunicação via aplicativos de mensagens enquanto espaços de negociação, o transporte das encomendas através de serviços regulados como os Correios e outras empresas transportadoras comuns. Além disso, as ofertas estão expostas em ambientes virtuais, alguns mais outros menos evidentes, mas ambas condições

são acessíveis desde que haja o mínimo conhecimento técnico para acessá-las.

Outras questões evidenciadas a partir dos discursos dos entrevistados foram a necessidade de confiança para participar deste mercado e como este mecanismo também opera nas relações entre os membros do grupo, entre quem estabelece o vínculo externo e quem vende e também enquanto mecanismo cumulativo ao longo do tempo, onde as experiências exitosas resultam num aumento do nível deste sentimento.

Verificamos várias configurações onde é necessário haver confiança para que a continuidade do processo seja possível. Para acessar o grupo é necessário que haja confiança de quem fornece esse acesso, seja para repassar um contato, seja para comprar o produto em favor da pessoa, seja para garantir que este “novo” ator é alguém que não oferece riscos à manutenção do *status quo* na rede.

Com a discussão sobre o funcionamento destas redes, acessamos elementos internos e externos capazes de influenciar as formas de organização social neste mercado. Identificamos portanto que o padrão seletivo da justiça favorece os atores de classe média, já que não são alvo prioritário de investigações, e, quando tornam-se alvo, são favorecidos por vínculos noutros âmbitos da vida. Neste sentido, a situação de classe média ocupada por estes atores é um aspecto relevante para a proteção.

Analisamos ainda que a atuação da polícia é limitada nestes mercados em razão do difícil monitoramento das atividades ilegais, por conta do uso de tecnologias e estratégias associadas a atividades formais. Além disso, estes mercados não são mercados de rua, territorializados, o que torna-os ainda mais difíceis de serem vistos e controlados. Todas estas variáveis exercem influência direta sobre a proteção destes mercados. Como não são dinâmicas alvo, tornam-se quase invisíveis. E essa invisibilidade é busca permanente dos atores que agem neste contexto.

### Referências bibliográficas

BARDIN, Laurence *Análise de Conteúdo*. 1998.

BENSON, Rodney. Bringing the Sociology of Media Back In, Political. *Journal of Political Communication*. v. 21. 2004

COOMBER, R. (2006). *Pusher myths: Re-situating the drug dealer*. London, England: Free Association Books.

DAUDELIN, Jean e RATTON, José Luiz. Mercados de drogas, guerra e paz no Recife. *Tempo Social, revista de sociologia da USP*, v. 29, n. 2, pp. 115-134. 2017.

DAUDELIN, Jean e RATTON, José Luiz. *Illegal Markets, Violence and Inequality*. Palgrave Macmillan, 2018.

GAMBETTA, Diego. Fragments of an Economic Theory of the Mafia. In: *European Journal of Sociology* 29, 127–145. 1988a

GAMBETTA, Diego. *Trust: Making and Breaking Cooperative Relations*. Oxford: Blackwell, 158–175. 1988b.

GAMBETTA, Diego. *Codes of the Underworld: How Criminals Communicate*. Princeton, NJ: Princeton University Press. 2009

GRANOVETTER, Mark, “Economic action and social structure: the problem of embeddedness”. *American Journal of Sociology*, 91:481-510. 1985

GRANOVETTER, Mark "The Strength of Weak Ties." *American Journal of Sociology*, 78 (May) 1360-1380. 1973

GRILLO, Carolina C. *Fazendo o doze na pista: um estudo de caso do mercado ilegal de drogas entre os jovens de classe média do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, dissertação de mestrado, Sociologia e Antropologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2008a.

GRILLO, Carolina C. O “morro” e a “pista”: Um estudo comparado de dinâmicas do comércio ilegal de drogas. *Dilemas*. V.1, n.1. 2008b

HANSON, Glen R., VENTURELLI, Peter J. e FLECKENSTEIN, Annette E. *Drugs and society* /— 10th ed. p. 2009

MISSE, Michel. Mercados ilegais, redes de proteção e organização local do crime no Rio de Janeiro. *Estudos Avançados*, 21 (61): 139-157. 2007.

SEABRIGHT, M. A., LEVENTHAL, D. A., & FICHMAN, M. Role of individual attachments in the dissolution of interorganizational relationships. *Academy of Management Journal*, 35: 122-160. 1992.